

Introdução: A Tuberculose (TB) Extrapulmonar tem sinais e sintomas dependentes dos órgãos e/ou sistemas acometidos. As principais formas diagnosticadas no Brasil são pleural, ganglionar periférica, meningoencefálica, miliar, laríngea, pericárdica, óssea, renal, ocular e peritoneal. Sua ocorrência aumenta em pessoas que vivem com HIV/aids (PVHA), especialmente entre aqueles com imunocomprometimento grave.

Objetivo: Descrever o perfil sociodemográfico, clínico-epidemiológico dos casos de tuberculose extrapulmonar em adultos de municípios de grande porte do estado do Paraná (PR).

Método: Estudo epidemiológico com dados obtidos do Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN), do período de 2018 a 2023, fornecidos pela Secretaria de Saúde do PR. Foram analisados todos os casos pertencentes aos 11 municípios de grande porte do estado. Considera-se grande porte municípios com população acima de 100 mil habitantes. CAAE: 38855820.6.0000.5231.

Resultados: A partir da distribuição temporal foi possível identificar uma tendência decrescente dos casos, com percentual de 22,5% em 2021 a 5,3% em 2023. Foram registrados 8327 casos de TB, dentre estes, 11,5% foram TB extrapulmonar. Houve predominância de casos no sexo masculino 76,7%, 69,1% cor branca, 82,0% com idade entre 19 a 59 anos, com média de idade de 43,4 anos, 41,0% com 10 anos ou mais de estudo e 92,8% residentes em zona urbana. Quanto ao perfil epidemiológico, 82,4% eram casos novos, 10,3% transferência, 4,2% recidiva, 2,3% reingresso de abandono, 0,7% pós óbitos, 0,1% não referido, 40,3% forma clínica pleural, 14,4% ganglionar periférica, 9,8% miliar, 8,7% meningoencefálica, 20,0% eram Pessoas Vivendo com HIV/Aids (PVHA), 19,5% tabagistas e 13,4% etilistas. De acordo com o critério diagnóstico, 49,6% tiveram raio-x suspeito, 24,5% tiveram histopatológico sugestivo para TB e 8,1% BAAR positivo. No encerramento dos casos, 50,3% evoluíram para cura, 5,7% abandono e 3,2% vieram a óbito por TB.

Conclusão: O estudo revelou declínio dos casos de 2018 para 2023, predomínio do sexo masculino, cor branca, com 10 anos ou mais de escolaridade, residentes em áreas urbanas, casos novos, na forma pleural, presença de fatores associados como o tabaco, álcool e coinfeção por HIV. 49,6% tiveram raio-x suspeito e 50,3% evoluíram a cura.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104059>

EP-137 - ANÁLISE DE UMA SÉRIE HISTÓRICA DE MENINGITES EM UM HOSPITAL TERCIÁRIO NO PARANÁ

Victória Davanço,
Danielle Ruiz Miyazawa Ferreira,
Tatiane Selister Barbosa,
Natalia Carolina Rodrigues Colom,
Herliene de Oliveira Mota,
Luiza Rita Pachemshy,
Jaqueline Dario Capobiango

Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná (HURNP), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil

Introdução: Durante a pandemia de Covid-19, outras doenças de transmissão respiratória podem ter sido afetadas.

Objetivo: Descrever as características de meningites em adultos, em um hospital universitário do Paraná, no decorrer da pandemia.

Método: Estudo transversal, os dados foram obtidos do Sistema de Informações de Agravos e Notificação, de janeiro 2019 a dezembro de 2023. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética, parecer no 4.374.235.

Resultados: Foram notificados 1.986 casos de meningite, destes 655 foram confirmados, 374 (57%) com idade de 18 anos ou mais. Destes, 71% de 18 a 59 anos, 60% do sexo masculino, 80% cor branca. Quanto aos agravos associados, 36% (n = 104) foram Pessoas Vivendo com HIV/Aids (PVHA), 15% hipertensão arterial sistêmica, 8% diabetes mellitus, 11% com traumatismo craniano e 5% com infecções hospitalares. Em 2019, ocorreu um predomínio de meningite por outras bactérias (*Acinetobacter* spp., *Klebsiella* spp. e *Enterococcus* spp.) (n = 29), seguido de meningite asséptica (n = 18). No ano de 2020, foram 20 casos de meningite por outras bactérias e 13 assépticas. Em 2021, predominou meningite viral (n = 31) e por outras bactérias (n = 28). Em 2022, 57 meningites virais e 39 por outras bactérias. Em 2023, 77 meningites por outras bactérias e 38 meningites virais, além de 4 casos de meningite pneumocócica. Entre as 12 PVHA no ano de 2019, a etiologia predominante foi *Cryptococcus* spp. (n = 4), seguida por *Treponema pallidum* (n = 2). No ano de 2020, 11 casos, a maioria tuberculosa (n = 4), seguido de 2 casos de meningite por *Cryptococcus* spp. e 2 casos por *Toxoplasma gondii*. Em 2021, 25 casos, 11 meningites virais, 7 meningites por *Cryptococcus* spp. e 6 por tuberculose. Em 2022, 30 casos, 9 virais e 10 por *Cryptococcus* spp. No ano de 2023, 26 casos, com 6 virais, 6 por *Cryptococcus* spp. e 8 por outras bactérias não identificadas. A mediana do tempo de internação foi de 93 dias, 72% evoluíram com alta hospitalar, 19% foram a óbito por outras causas, 8% óbito por meningite e apenas 1 paciente continua internado.

Conclusão: Em 2020, houve uma diminuição nos casos de meningite, possivelmente relacionada às medidas de isolamento no início da pandemia. Em 2021 começou a aumentar as meningites virais, mas a partir de 2022, ocorreu um aumento significativo no número de casos, associado ao fim do estado de emergência da Covid-19. Destacamos ainda que PVHA foram as mais acometidas por meningites virais e por *Cryptococcus* spp. nesse período.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104060>

EP-138 - EPIDEMIA DE DENGUE EM SÃO PAULO

Julia Simeí, Beatriz Avanci, Aline Miotto,
Renata Fonseca Inácio,
Lisiane Maria Teixeira Bezerra

Centro Universitário São Camilo, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Ao longo dos últimos cinco anos, o Brasil tem sido acometido por epidemias. Nesse sentido, é possível notar uma maior incidência dos casos da dengue em regiões menos

favorecidas, em locais onde a coleta de lixo não é tão efetiva, com garrafas pets e pneus abandonados nas ruas. A dengue se caracteriza por ser um dos tipos de doenças denominadas arboviroses (transmitida por artrópode). O vetor dela no Brasil é a fêmea do mosquito *Aedes aegypti*. Os vírus da dengue (DENV) estão classificados cientificamente na família Flaviviridae e no gênero *Flavivirus* e são conhecidos quatro sorotipos: DENV-1, DENV-2, DENV-3 e DENV-4. É caracterizada por ser uma doença febril aguda, apresentando sinais de dor abdominal intensa e contínua, vômitos persistentes, acúmulo de líquidos em cavidades corporais, hepatomegalia, sangramento da mucosa e aumento progressivo do hematócrito. O diagnóstico é feito com base nas manifestações clínicas do paciente ou realizando um teste de sorologia de fase aguda. É uma doença tratável e, se o tratamento não for efetivado durante a fase crítica, progride devido ao extravasamento grave de plasma, hemorragias severas ou comprometimento grave de órgãos, o que pode evoluir para óbito do indivíduo.

Objetivo: Descrever a série histórica dos casos de dengue no estado de São Paulo entre os anos de 2019 a maio de 2024.

Método: Levantamento de dados, pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do DataSus, sobre os números de casos de dengue no estado de São Paulo, utilizando o descritor "ano de notificação", entre 2019 e maio de 2024.

Resultados: Os dados mostraram: 443.596 casos em 2019, 204.441 casos em 2020, 157.891 casos em 2021, 350.517 casos em 2022, 337.671 casos em 2023 e 1.162.450 casos em 2024.

Conclusão: Conclui-se que os casos notificados de dengue até maio de 2024 aumentaram em 344% em relação a 2023, configurando uma epidemia no estado de São Paulo. Desta forma, é fundamental a realização de ações como: reforçar a importância da vacinação do público-alvo já prevista pelo Ministério; ampliação da disponibilidade de vacinas para outras faixas etárias; e evitar os criadouros do mosquito, com águas paradas dentro das casa ou quintais da população.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104061>

EP-139 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ACIDENTES ESCORPIÔNICOS NO ESTADO DE SÃO PAULO NO PERÍODO DE 2013 A 2022

Julia Guerrero Teixeira de Freitas,
Ananda Totti Rodrigues,
João Vitor Flores Coelho

Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP,
Brasil

Introdução: O escorpionismo é um problema de saúde pública devido à elevada incidência em várias regiões do país. Em 2023, o Estado de São Paulo registrou um recorde histórico de ataques de escorpiões, com 49.381 casos, segundo a Secretaria Estadual de Saúde. Diante desse aumento e devido à carência de estudos sobre o assunto, a análise do perfil epidemiológico dos acidentes no Estado de São Paulo é de fundamental relevância, uma vez que constitui uma ferramenta importante para auxiliar políticas de saúde e subsidiar a

adoção de medidas de prevenção eficazes, visando reduzir o número de acidentes.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi investigar as características epidemiológicas dos acidentes escorpiônicos no Estado de São Paulo entre 2013 e 2022, com atenção para a vulnerabilidade das crianças e o impacto desses acidentes em termos de mortalidade nesse grupo etário. Além disso, buscamos comparar os dados entre as distintas Regiões de Saúde do estado para identificar padrões e direcionar intervenções preventivas específicas.

Método: O estudo analisou casos de acidentes por escorpiões em São Paulo de 2013 a 2022, usando dados do SINAN. Variáveis como sexo, idade, etnia, tempo de atendimento, gravidade e desfecho foram consideradas. A análise incluiu coeficientes de incidência, mortalidade e letalidade. Dados populacionais foram obtidos do IBGE. O estudo seguiu a Resolução n° 466/2012 do CNS e não precisou de aprovação ética.

Resultados: As taxas mais altas de acidentes escorpiônicos foram em 2022 (372,6/100.000 habitantes), 2020 (321) e 2021 (296,52), com médias de incidência e mortalidade de 130,576 e 0,051/100.000 habitantes, e letalidade de 0,036%. O sexo masculino foi mais afetado (54,96%). A faixa etária de 5 a 9 anos representou 4,27% dos casos, e a de 10 a 14 anos, 5,10%. Os óbitos foram mais comuns em crianças de 1 a 9 anos de idade, totalizando 71 mortes.

Conclusão: O estudo reflete o cenário nacional, com uma predominância de casos em adultos do sexo masculino. No entanto, é alarmante observar que as crianças, especialmente aquelas com 1 a 9 anos de idade, estão sujeitas a um maior risco de morte decorrente desses acidentes. Essa constatação ressalta a necessidade de estratégias direcionadas em reduzir o número de óbitos infantis. Como exemplo, inclusão de treinamentos quanto à clínica, capacitações dos profissionais de saúde e tratamento em tempo oportuno além de intensificar as ações de controle, visando à redução do número de escorpiões e a prevenção dos acidentes.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104062>

EP-140 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE INFECÇÕES POR VÍRUS RESPIRATÓRIOS NÃO-COVID-19 EM UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DURANTE OS ANOS DE 2022 E 2023

Leonardo Barbosa Rodrigues,
Valeria Egea B. Gomes, Fabiana Silva Vasques,
Jara Líbia C. Louredo, Priscila Costa P. Germano,
Thais Lopes Santos, Odeli Nicole E. Sejas,
Raquel Keiko L. Ito, Camila Silva Bicalho,
Edson Abdala

Hospital Dasa Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Infecções por vírus respiratórios (VR) podem evoluir com complicações. Os vírus Influenza A e B causam epidemias no mundo, e resultam em até 500 mil óbitos/ano. É importante conhecer o comportamento dos VR e presença de síndrome respiratória aguda grave (SRAG), para estabelecer